

Universo

“Poderia, está claro, olhar para meu relógio; mas ele, sabia-o eu, estava em outro universo. Essa minha experiência tinha sido, e ainda era, de duração indefinida, também podendo ser considerada como um eterno presente, criado por um apocalipse em contínua transformação.”

Aldous Huxley *in* As Portas da Percepção

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar p'ra pensar na verdade não há.”

Renato Russo, músico

Adeus, querida...

(Diante do volante do meu carro, situo os olhos à frente, além do pára-brisa, focados. As mãos, suaves mas firmes no volante – um pequeno movimento circular, e todo o meu mundo gira, e eu com ele, só nós dois: eu e o carro.) Estou numa caixa, uma bolha: pequeno mas forte, visível mas inatingível. Inabalável. Hermético. Nada sabem do que penso ou faço, os lá de fora. Nada sabem de mim e de meu mundinho aqui. Tu não me reconhecerias, meu anjo... O tamborilar da chuva forte que cai lá fora contracena com os limpadores velozes e harmônicos que funcionam como metrônomos. Ao penetrar na cabine, as luzes difusas dos postes de iluminação e dos outros carros são imediatamente assimiladas – a única contribuição do exterior.

O assento se acomoda a meu corpo, confortavelmente. Sob medida. Gosto de suas cores – tons de azuis que vão para o acinzentado e, aqui e ali, pinceladas de um amarelo-baço. Pequenos losangos, planos verticais e um xadrez de pequenas malhas. Combinam com o interior, com a cabine, de forma clássica e muito agradável. Combinam, por complementaridade, com o branco prateado do exterior, molhado de chuva... Vejo tudo. Minha visão periférica me diz que, lá fora, as coisas continuam a girar, vertiginosamente, e o tempo ainda tiraniza a todos e todas – menos a mim, no meu mundo. Outros dirigem carros nos dois sentidos; às vezes, cruzam comigo. Também passam motos, caminhões, ônibus lotados de gente cinzenta, borrada a meus olhos...

Olham, às vezes, mas não sabem de minha existência, do meu mundo completo, aqui, no meu assento. Não sabem que podiam também ser mundos, galáxias individuais, portáteis... A cada instante os despeço, os esqueço. Deixam de existir – desaparecem.

Estou levemente atento aos instrumentos do painel – descrevem os sinais e sintomas do meu carro. Estão iluminados. Como letreiros de neon. São belos, aerodinâmicos e facilitam a consulta rápida: um suave inclinar da cabeça, um adejar dos olhos, e pronto: está tudo bem, tudo funcionando como deve ser. As luzes que devem ficar apagadas (as que quando acesas, são sinais de alarme, de que algo vai mal), estão apagadas, e os controles estão todos ativos, respondendo a contento. É um bom carro, e está abastecido para minha viagem, solitária e sem volta... Buzino às vezes, sem necessidade – todos se afastam sempre à nossa passagem. Acho que respeitam a grandeza desse mundo tão singular. Buzino de novo, para ouvir o som. Mas não tripudio: sinto que tudo em mim – pele, cabelos, olhos, o olfato, músculos, sangue, veias e artérias, ossos e nervos (principalmente nervos e glândulas) – está voltado inteiramente para nosso destino comum – correr, correr para frente, sempre; viver, sobrenadar, não olhar para trás, vencer o tempo...

O tempo. Isso não existe nos dicionários do meu universo. Aqui dentro, tenho tudo que preciso, pois não existe futuro ou passado. Nem carências. O carro se basta; eu me basto. Estamos integrados. Cada momento é completo em si; nessa realidade, tudo o que acontece é natural e cada coisa é íntegra e suficiente. Extraio tudo que preciso desse meu momento particular – o agora. E cada metro, cada centímetro, milímetro avançado é único, singular e autônomo. Percebido. Livre do tempo. Esgota-se, se acaba, cai no esquecimento, no exato momento seguinte. Como os transeuntes que fogem da chuva lá fora, vão ficando pequeninos no retrovisor, somem. Como os carros. *Oblivion*. Nada fica para ser lembrado, e cada instante me traz novas experiências, perigos novos, emoções nas curvas e retas e obstáculos que adquirem existência logo que são pressentidos e, em seguida, concretizados. Depois, são ultrapassados e eclipsados. Depois, viram letra morta...

Mesmo a música que pervade a cabine do meu carro – Mussorgsky – harmoniza-se com esse não-tempo especial: a sinfonia flui em miríades de acordes e notas que me iluminam e elevam, e contribuem, decisivas, para o melhor comando do volante, dos pedais, da alavanca

de marcha. Registro o fluir da música, mas ela termina a cada instante, se esvai... Não poderias entender, querida! Tu, que nem gostas do russo... É como se as ondas sonoras não se refletissem - como se cada nota e silêncio musical aderissem fisicamente nos vãos e superfícies do carro e em mim também, nos meus cantos mais recônditos, acrescentando peso e volume (como as luzes externas o fazem, sem cessar), mas que, paradoxalmente, me diafanizam e fazem com que o carro fique mais leve ainda - enormes e imponderáveis, nós dois, sublimes e etéreos, corpo físico e máquina em fusão harmoniosa à noosfera, colados pela música, os “Quadros”...

Nada abala esse meu universo - nele, tudo está sublimado. Sinto o sangue pulsar, ritmicamente. Vejo cores por sob a pele das minhas mãos. Constato que, misteriosamente, meu velho relógio de pulso perdeu seus ponteiros. Não sinto as roupas, o zíper do casaco; e os pés se movem autonomamente... Poucos movimentos. Economia. Cada gesto leva milênios... Na troca de marchas, o arco do braço direito na direção da alavanca é contínuo e harmonioso. O braço vai até o som. Um dedo, aleatório, autônomo, aperta uma tecla.

... fracassou a tarefa dos inspetores de armas da ONU no Iraque... Bush faz novo discurso no Congresso e não vê outra solução, além do ataque armado... O porta-voz do governo iraquiano afirma que os inspetores da ONU estão agindo como espões dos Estados Unidos... Navio “Prestige”, de bandeira costa-riquenha, se parte, afunda e causa o maior desastre ecológico da Espanha... Um novo Valdez... Gabeira visita as praias da Galícia para verificar estragos... Fernandinho Beira-Mar comanda tráfico do interior da prisão de segurança máxima... Comanda, da cadeia, execução de dois comparsas... atentado num shopping-center em Haifa, Israel: até agora 12 mortos, inclusive o terrorista, um adolescente palestino e uma criança de colo israelense... Nova projeção para a inflação brasileira - chega aos dois dígitos... Lula visita FHC... O salário-mínimo pode chegar a 211 reais... Giselle Bündchen desfila em Londres com casaco de pele de zibelina - protestos em toda Europa por grupos conservacionistas... Tiroteio no morro do Alemão: bala perdida mata menina de 5 anos... Fluminense pode ser semi-finalista do Brasileirão... Duzentos mortos na Indonésia - protesto no Concurso de Miss Mundo... Romário não treina a semana toda, viaja no dia do jogo, e dá os três passes para os gols da vitória. ... Adolescente mata os pais a pauladas e em seguida vai com o namorado para o motel... O julgamento só deverá ser realizado daqui há um ano... Nossos comerciais - em dois minutos, retornamos com mais notícias...

O dedo aperta, apressado, outra tecla. Cola-Mussorgski, de novo...

Depois, o braço se movimenta e faz com que a mão retorne e repouse, abandonada, no volante. As unhas reverberam a cada nota musical, e sua tonalidade fica perolada, caleidoscópica. (Como o meu tubo de vidrinhos coloridos, lembra?) Meus olhos, nistagmáticos, se movimentam por milímetros, bailam nas órbitas e nada perdem... Um psicodelismo intrínseco, minha querida, só meu – sem drogas, sem artifícios, sem muletas externas... Minha respiração torna-se mais lenta, compassada. Nas curvas e acelerações, o corpo reage plástico – como se a gravidade inexistisse no meu mundo. Respondo a tudo com facilidade, quase com lassidão; estou muuuito relaxado. Sinto que a tensão muscular, meus pensamentos, a frequência cardíaca e a pressão sangüínea estão diminuídos ao mínimo – poder-se-ia dizer que estou hibernando, como os grandes ursos pardos das florestas do norte, no mundo lá fora... No Canadá... Mas sei que respiro ainda. O ambiente é tranqüilo, a posição muito confortável, os olhos semicerrados. Assim, fendas orientais não oblíquas. Mas não sinto nenhum sono. E nem permito que minha atenção seja distraída. Vejo, percebo e ouço tudo e meu cérebro moroso está, contudo, em vigília completa. Como uma sentinela de prontidão. Como nas rezas antigas (como minha mãe querida fazia, com o rosário de contas nas mãos), meus lábios balbuciam um mantra, em contracanto ao som que contagia a cabine. Mas a atenção permanece enfocada, e todas as energias vitais que me constituem saúdam essa homeostase – meu organismo funcionando em uníssono com o carro.

A cidade ficou para trás. Agora, meus sentidos e percepções estão todos afinados para o avanço pela estrada, p'r'além da chuva, pelos campos. (Lembra do meu medo, meu pavor de espaços abertos? Isso te preocupava tanto, te deixava tão abalada!... Nada sinto agora, querida, nenhuma ansiedade, nada afinal importa nessa vastidão verde que se abre diante de meu ser...]

O carro vai me conduzindo como uma onda luminosa: fóton a fóton. Cada instante se fecha completamente numa unidade acabada e completa, arremessada para fora do meu cenário perceptivo e imediatamente desconstruída. (Sabe, querida? É como se, do carro, fosse sendo deixado para trás um número incomensurável de universos, infinitos mundos muito parecidos sempre e, no entanto, singulares, cada um deles com sua própria história geral, seus edifícios filosóficos, sua ecologia, sua religião e ciência e ética e arte...) Aqui, no mundo de agora, não existe memória. Não mais codifico, armazeno ou recupero qualquer informação. Não tenho aspirações,

não raciocino... Meus olhos se apagaram para o que vai p'r'além do para-brisa... Não ouço nada nada – nem um acorde. (Mas – te juro – ouço o frêmito das minhas narinas, as pancadas em meus pulsos, minhas pálpebras a piscar, uma lágrima ruidosa... Isso ouço, nitidamente.)

No agora, não existe futuro. E nem hierarquias ou sentimentos. Aqui, nada pode ser classificado... Ahhh!..., querida, as preocupações com a morte e vida (esses outros tiranos que nos apavoravam tanto!) já se foram, desapareceram por completo da minha mente, não me incomodam mais -

“O fluir das horas, desavisado.
O desprezo supremo ao risco e ao chão cariado,
olhos nas estrelas, miríades delas, estrelas rútilas
até na hora da saída desse mundo
e depois da saída...”

Sinto apenas uma alegria intensa, uma exaltação que se introduz, holística, nas fibras do meu corpo e que a nada exclui. Sinto-me completamente feliz. Cada instante é saboreado totalmente, em uníssono com faróis, rodas, pistões, engrenagens, eixos do carro. Em cada momento que passa, explodem miríades de ações e fatos instantâneos, conceitos, estruturas, tudo perceptível e autônomo, as coisas magicamente orquestradas e orientadas para meu destino: *viver cada momento como se fosse assim – o primeiro e o último*. (Quase me ponho a chorar, minha querida, querida...) E vem fácil à cabeça o resto da poesia, coisas que um dia, emocionado, te sussurrei –

“...porque estás aqui, querida,
sempre comigo...
as imagens dançam
e o coração dispara;

meus olhos antevêm, proféticos,
alguma passagem rara
de rumos cabais p'ro teu coração...

É a certeza de que tenho uma alma
e um corpo só para ti, em mil dobras
que me apequenarão
para caber, quentinho,
na tua mão, na tua palma.”

Esse ainda é todo o meu credo... Ah, como queria que estivesses aqui comigo agora! Que me visses assim como estou – soberbo, soberbo, sem medo, m'extinguindo num instante e renascido no instante seguinte. Um sujeito como eu, meu bem, canalha no meio de canalhas, e veja só!, agora virgem, imaculado e aberto. Receptivo. Um bebê... Sem passado, sem memória, acredita, e sem culpa. Sem culpa nenhuma... Sabe? Estou certo que irias adorar a novidade: um Fênix sempre novinho em folha, inesperado e diferente... Excitante... Tu a meu lado, mais mutante ainda, ainda mais etérea: só nós dois em nosso universo... Eu, eu gosto demais disso, desse sonho. Sabe? Acho que virei imortal. Aqui no meu carro, não morrerei jamais – sou um santo, um deus. (Sem adoradores, sem altares e ignorado – mas poderoso, enfim. Veja bem: muito poderoso. Um deus que em cada instante, a cada movimento do volante, existe p'ra todo o sempre, um santo saudoso de ti, mas iluminado e milagreiro, dono dessa estrada interminável, comandando feliz meu rumo por toda eternidade, até o fim dos tempos...)

FIM 21/11/2002